



UMA UNIVERSIDADE AO SERVIÇO DA CIDADE

INTRODUÇÃO

No discurso de encerramento do I e único Congresso de universitários católicos de Portugal, uma estudante de 23 anos dizia:

"Ao afirmarmos que a Universidade está em crise, quisemos dizer que a Universidade se alheou por completo dos fins que a definem para se reduzir a uma escola de técnicos, preterindo ou renegando as funções que lhe cabem de fazer ciência, criar e difundir cultura e promover o pleno desenvolvimento dos universitários; quisemos dizer que a Universidade não prepara os universitários para a vida social, fazendo-os descobrir as responsabilidades que lhes cabem; quisemos dizer que uma Universidade de que Deus está ausente não é plenamente Universidade."

Enganar-me-ei se pensar que estas palavras podiam aplicar-se à situação de hoje?

Por isso, haverá que tentar clarificar o que se entende hoje por Universidade;
haverá que esboçar as grandes questões que caracterizam a cidade hoje;
e finalmente haverá que aprofundar a noção de serviço.

Falávamos de Universidade - e a definição era clara, escorria pela história desde a Idade Média, e não imaginávamos sequer uma Universidade que não cobrisse todos os domínios do conhecimento e que não fosse genuinamente universal.

Descrevíamos a urgência da sua presença na sociedade - aparecíamos como indispensável o seu lugar de irradiação na cidade, planeando, construindo os edifícios, as leis e as instituições, articulando o cada vez mais diversificado tecido social, participando à nossa medida na beleza da criação. Tudo isso víamos como o serviço inerente à dívida que os estudantes haviam contraído para com a sociedade. Mas, mais ainda do que essa contabilidade evidente, o serviço da Universidade à cidade tinha para nós o rosto da mudança, das mudanças que em todos os domínios era necessário realizar para que os homens e as mulheres do nosso tempo tivessem uma vida digna de ser vivida. Se abandonávamos a acção exclusiva de apoio directo aos pobres - que caracterizara as gerações da primeira metade do século XX, formadas pelo espírito generoso de Frederico Ozanam - era porque nos movia a convicção de que era possível mudar as estruturas sociais e criar novas condições para a existência humana. Passou a segunda metade do século XX, essas décadas em que o espírito humano, na continuidade de grandes aberturas das primeiras décadas



do século, deu saltos espectaculares na interpretação dos fenómenos, na criação em todos os domínios, na articulação de todos os saberes. E é a essa constatação - que considera o século XX como o tempo em que a humanidade foi mais longe do que em todo o seu percurso histórico - que se deve o que a meus olhos modifica a missão da Universidade no seio da cidade. (A minha intervenção tem quatro eixos fundamentais e é por esse que vou começar.)

I - OS CLÁSSICOS TÊM UM SÉCULO!

É hoje claro que a história não é linear. É hoje também claro que a sua evolução corresponde a bifurcações decisivas em momentos singulares, algumas conduzidas deliberadamente, outras tidas por vezes como resultado do acaso. A aprendizagem de qualquer sector do saber e do saber fazer continua, no entanto, a seguir placidamente o caminho de uma evolução lógica, sequencial e dedutiva.

Para encontrar o seu lugar na cidade a Universidade tem de partir da sua contemporaneidade, não perder tempo a percorrer uma história que já está ultrapassada. A grande aventura da Universidade é sair da prisão da reprodução social em que se enterra tempo e dinheiro e ousar olhar de frente o novo.

Comecemos a Física pelos grandes debates do séc. XX - tentemos compreender se Einstein estava no caminho certo `a procura da equação que explicaria o mundo ou se, pelo contrário, as teorias do caos nos conduzem a soluções parcelares. tentamos então refazer em flashback os caminhos de heisenberg, de Max Planck, de Maxwell, de Newton até aos começos da Física.

Comecemos a biologia pelas grandes questões da engenharia genética e um a um desenrolemos os fios do novelo de uma ciência que definitivamente eliminou a distinção entre a investigação pura e a investigação aplicada, até encontrarmos as primeiras experiências da biologia molecular.

Comecemos a Literatura por uma imersão total nos "grandes livros", sem preocupações de categorias como se tudo fosse também um universo de ondas electromagnéticas e depois, pouco a pouco, tentemos descobrir as frequências, as modulações, os significados desses significantes - os tempos, os lugares, os contextos, os costumes, as linguagens, os valores.

Comecemos a Sociologia pelas questões de que se fala todos os dias e que determinam a vida dos humanos hoje e tentemos compreender, etapa por etapa, como tudo era explicado quando as coisas eram mais simples e como à medida que foi necessário integrar novos factores surgiram mais adequados instrumentos e novas teorias.

É de um processo de flashback que estou a falar. (jovem que me respondeu que foi a partir do rock'and roll que foi até ao jazz e daí à música clássica...)

Seria assim que à partida eu veria a inserção da Universidade na cidade - tão actual, tão do nosso tempo que desposaria as grandes questões tais como elas surgem aos homens e às mulheres de hoje.

E porquê? Não me basta uma piedosa intenção de serviço à



sociedade. Não é uma injunção moral que, do seu lugar de cristãos, os universitários católicos fazem à Universidade. Como todas as outras instituições, a universidade pertence ao aqui e agora em que experimentamos a nossa parcela de eternidade nesta terra. Um livro editado pela John Hopkins University o ano passado tem como título "The responsive University" ('a universidade que é resposta'). Nessa qualidade de resposta se insere o princípio 'responsabilidade' que o filósofo alemão Hans Jonas elaborou como o princípio ético do nosso tempo. Aí se encontra a primeira linha de força da Universidade ao serviço da cidade.

II - A CULTURA DA UNIVERSIDADE COMO PRÁTICA DA TRANSDISCIPLINARIEDADE

A transformação da relação da Universidade com a cidade não se limita porém a esta concentração do tempo científico no último século e à exigência de contemporaneidade que daí decorre. A própria abordagem dos problemas tem de sofrer uma radical transformação. Os problemas da cidade deixaram de ser problemas isolados, de fronteiras bem definidas. As relações de causa e efeito deixaram de ser biunívocas para se tornarem num feixe de múltiplas relações causais. Esta característica de feixe supõe que os saberes se interpenetram, só nessa relação podem ser interpretados e estudados.

Estive nas últimas semanas nos Estados Unidos. Participei numa sessão de trabalho do Instituto Synergos (da palavra grega sinergia) de cujo Conselho Consultivo Internacional faço parte. A nossa tarefa consistia na preparação de um evento organizado todos os anos nas Nações Unidas e a que chamamos UNIVERSITY FOR A NIGHT. Durante uma noite, após uma sessão plenária, todos os participantes jantam à volta de mesas-redondas de 12 pessoas em que duas pessoas especialmente competentes no tema dessa mesa discutem com todas as outras o problema que lhes cabe. É sempre um sucesso. Sente-se no fim do serão que se aprendeu imenso - porque o tema interessa mesmo quem se reuniu à volta daquela mesa, porque se cruzam perspectivas vindas de lugares, saberes e experiências muito variados, porque os peritos escolhidos para cada mesa são pessoas que elaboram uma reflexão teórica sobre e a par da sua experiência. E ao pensar no tema de hoje dei comigo a pensar se aquilo que poderá parecer pretencioso - chamar UNIVERSIDADE a um serão - não tem afinal os ingredientes que gostaríamos de ver na Universidade.

transdisciplinarietà pg.189, 230----pg.23

Todo o conjunto organizado possui qualidades que não existem em cada uma das partes e que, por sua vez, retroagem sobre cada uma das partes e sobre o todo. P.ex. uma sociedade que é um todo desta forma consegue dar um significado à vida de cada um dos seus membros, não por uma razão utilitária, mas por uma interdependência profunda entre todos. (Ex. Taizé)

Muita gente se interroga hoje sobre a reduzida influência da Universidade na cidade. Há um óbvio refúgio dos universitários



sobre si próprios, sobretudo no modelo de Universidade-incubadora: estuda-se numa Universidade, vão-se obtendo os diplomas sucessivos, e depois fica-se na mesma Universidade a ensinar o que se aprendeu! É a Universidade de 'in-breeding' ou da consanguinidade. Como dizia já há mais de uma década o historiador americano Russel Jacoby no livro "The last intellectuals", esses universitários 'em vez de escreverem para um largo público, escrevem uns para os outros, preocupando-se mais com a sua carreira do que com os problemas da cidade".

Fundação Cuidar o Futuro

substância vs. processo